

Malu Gouvêa

Graduanda em Relações Internacionais pela Universidade Federal Fluminense (UFF) e membro do corpo editorial do Cosmopolítico

CONSEQUÊNCIAS POLÍTICAS DA PANDEMIA DO CORONAVÍRUS: O ÚLTIMO GOLPE À DEMOCRACIA NA HUNGRIA

A pandemia da COVID-19 trouxe desafios em diversos níveis sociais. Para o político, as consequências ainda não mostraram suas faces mais permanentes. Como Fukuyama (2020) ressalta, existem dois caminhos pelos quais a crise pode enveredar: o fortalecimento do fascismo ou o fortalecimento da democracia liberal. Apesar de que existem indícios para os dois, recentes desdobramentos de políticas em suposto combate aos riscos da pandemia levantaram preocupações de analistas e de uma parte da população mundial que está sendo afetada por tais políticas.

Casos como o do Brasil, das Filipinas e da Hungria chamaram maior atenção nos últimos meses, mas a disseminação das restrições e do policiamento de liberdades civis se deu em larga escala. Ao falar sobre o caso italiano, Giorgio Agamben (2020) chama atenção para a prontidão com a qual a população se dispôs a aceitar medidas extremas em nome da saúde - e, longe de ser um caso isolado, essa é a reação generalizada. Essas dificilmente seriam toleradas num cenário “normal” e certamente atendem às aspirações dos Estados - em especial, daqueles que



já mostravam tendências autocráticas - no que se refere ao controle social. A questão é justamente o quão comum elas têm se tornado, sob o pretexto de estado de exceção que Agamben já ressaltava como uma crescente regra no sistema internacional:

A outra coisa [...] que a epidemia torna evidente é que o estado de exceção, ao qual os governos nos habituaram há tempos, tornou-se realmente a condição normal. [...] Os homens se habituaram de tal modo a viver em condições de crise perene e de perene emergência que parecem não se dar conta de que a vida deles foi reduzida a uma condição puramente biológica e perdeu qualquer dimensão não apenas social e política, mas até mesmo humana e afetiva. Uma sociedade que vive em um perene estado de emergência não pode ser uma sociedade livre. Nós vivemos de fato em uma sociedade que sacrificou a liberdade pelas assim chamadas “razões de segurança” e, por isso, está condenada a viver em um perene estado de medo e de insegurança. (2020, p. 16)

1 PANDEMIA COMO PRETEXTO: O CASO HÚNGARO

Logo, fica incerto e improvável que as medidas de exceção instauradas nesse período permaneçam vigentes apenas enquanto durar a quarentena nos Estados. Em entrevista recente ao *The Washington Post*, o cientista político András Biró-Nágy lembrou que o governo da Hungria tem um histórico de passar medidas de exceção cujos poderes não se esgotam. Isso aconteceu há não muito tempo, em 2016, durante a “crise” de migração. Em 2020, o país teve uma das medidas mais extremas vistas no contexto do novo coronavírus: o Parlamento húngaro, no qual o Fidesz - partido do Primeiro Ministro Viktor Orbán - tem maioria de dois terços, aprovou, em março, uma medida que concede a Orbán o poder de governar por decreto. Mais notável ainda é o fato de que a medida foi aprovada sem que a oposição conseguisse fixar uma data limite para essa atribuição (MORRIS, 2020).

Biró-Nágy reforçou, durante a entrevista, que Orbán está usando a crise para aumentar seu poder, e que não acredita que ele irá se desfazer dele facilmente (MORRIS, 2020). O processo de concentração de poder não é uma novidade na Hungria, democracia iliberal que teve uma virada a partir de 2010, quando seu sistema eleitoral gerou uma ocupação desproporcional do partido Fidesz no Parlamento, que é unicameral. András Bozóki (2015, p. 3) traz uma perspectiva similar à de Biró-Nágy ao analisar a mudança unilateral da Constituição feita pelo partido: “O poder está concentrado nas mãos do Primeiro Ministro, que fez tudo para centralizar seu poder, para personalizar a política, para criar uma nova clientela dependente do Estado e para marginalizar a oposição democrática” (tradução nossa). Dessa maneira, a pandemia, de fato, pode

ter sido o gatilho para um processo que ia, aos poucos, desgastando a democracia na Hungria.

2 O DESEQUILÍBRIO PARLAMENTAR E AS MEDIDAS AUTOCRÁTICAS

Na prática, as instituições que poderiam fornecer algum tipo de controle ou contrapeso para as ações do Primeiro Ministro já tinham sido esvaziadas há muito, ou colocadas a cargo de pessoas com proximidade ao Fidesz. Durante a transição para a democracia, as preocupações com a possibilidade de um parlamento fragmentado e com a implantação de uma Constituição muito rígida resultaram num modelo que fez possível ao partido atingir uma maioria de 68% de assentos em 2010 e, conseqüentemente, passar uma nova Constituição sem qualquer diálogo com a oposição ou a sociedade civil (BÁNKUTI, et al 2015). O sociólogo Larry Diamond, em coluna para a *Foreign Affairs*, efetivamente apelidou esse sistema desproporcional de “parlamento carimbo”, em menção à falta de sucesso da oposição em barrar as medidas do partido (DIAMOND, 2020).

A nova Constituição foi a responsável por iniciar o processo de declínio da supervisão do poder legislativo, a qual seria essencial num modelo unicameral como o húngaro. Dentre os mecanismos prejudicados, a Corte Constitucional foi um dos mais severamente afetados, pois perdeu completamente a jurisdição nos assuntos que estavam sendo visados e modificados pelo partido: a separação de poderes e a estrutura institucional.

Além da Corte, o judiciário e a posição da presidência também foram retirados da equação, ao serem nomeados lealistas do Fidesz para mandatos anormalmente longos - o que, ademais do problema de inexistência de oposição, ainda causa uma dificuldade de governabilidade para qualquer partido minoritário que, eventualmente, consiga ganhar as eleições no curto prazo (BÁNKUTI et al, 2015).

A isso se soma a repressão crescente no país ao trabalho jornalístico, que inclusive teve reflexos na referida medida passada em março de 2020. Segundo a medida de emergência, o governo poderá prender pessoas que publiquem notícias “falsas” ou “distorçam” os fatos por até cinco anos. Isso se configura como uma ilustração do mencionado uso do estado de exceção pelos governos para passar medidas - há muito desejadas - de controle social perene.

As aparências, ainda assim, eram até então de uma democracia - notadamente uma democracia iliberal, como Orbán fez questão de anunciar em mais de uma ocasião. Segundo o Primeiro Ministro, apenas o iliberalismo seria capaz de atender aos interesses nacionais, ou da população como um todo - declaração que carrega forte caráter étnico e desconsidera as minorias do país. Ainda mais importante que isso, para o partido, é se afastar de pretextos básicos da democracia liberal, como o equilíbrio de poderes e a existência de sistemas de pesos e contrapesos. “Baseado nas políticas do Fidesz, é justo deduzir que a democracia iliberal também inclui medidas que visam eliminar controles sobre o poder executivo e limitar [...] oportunidades genuínas para que as vozes da oposição sejam ouvidas” (BIRÓ-NAGY 2017, p. 36, tradução nossa).

A nova medida, entretanto, parece ter sido a gota d’água: muitos grupos defendem que a democracia foi efetivamente suspensa no país, e a União Europeia reagiu com medidas punitivas contra a Hungria (MORRIS, 2020). O rompimento aconteceu em estágios de maior ou menor expressividade, mas o resultado foi apenas um:

Se, dos três componentes da democracia liberal - participação, competição e liberdades civis -, a opção de competição é enfraquecida ou removida (através da modificação de leis eleitorais) e as instituições que salvaguardam o Estado de direito são destruídas, quase nada resta da democracia. (BOZÓKI, 2015, p. 13, tradução nossa)

3 DEMOCRACIA: EXPECTATIVAS E REALIDADE

Um fator que influencia a situação de crise democrática, ressaltado por Fukuyama (2020), é que, em democracias nas quais as instituições estão em ausência de legitimidade e os líderes não inspiram confiança, os resultados da crise política provocada pela pandemia serão prejudiciais para a democracia. Esse é um ponto sensível, principalmente, quando se leva em consideração que um aspecto chave da relação da sociedade húngara com a democracia liberal é o desencanto com os seus resultados. Visto que, ao mesmo tempo em que era feita a abertura e democratização do Estado e a sociedade esperava um Estado paternalista que trouxesse melhorias econômicas e materiais (BIRÓ-NAGY, 2017), o resultado foi uma decepção inevitável frente ao resultado da liberalização, que ampliou a desigualdade e a insegurança social. De fato, se torna difícil imaginar que exista uma reação do tecido social e político de fortalecimento democrático num sistema no qual a desconfiança nas instituições políticas é tão acentuada.

Isso também demonstra que, aos olhos da população, direitos individuais como ter voz nas decisões políticas e oportunidades oferecidas pela liberdade de viajar não são páreo para a segurança existencial ou um trabalho garantido, que são considerados mais importantes do que os anteriores. Já que nessas áreas pouquíssimas pessoas experimentaram mudanças positivas, sua satisfação com a democracia e sua avaliação da mudança de regime foram prejudicadas. (BIRÓ-NAGY, 2017, p. 34, tradução nossa)

O teste para a democracia está longe de terminar. Se a sociedade húngara já se deparava com essa quebra de expectativas, agora ela está imersa em um contexto mais amplo, no qual os regimes democráticos precisarão provar que são capazes de lidar com a pandemia de forma mais contundente do que os autocráticos. Diamond (2020) separa os fatores de contenção do vírus, lançamento de uma vacina e compartilhamento de recursos para lutar contra a pandemia como significativos nesse embate simbólico, mas crucial. O sociólogo reflete que esse é o momento mais difícil para a democracia desde o fim da Guerra Fria, visto que, nos últimos 14 anos, mais países fizeram transição para regimes autocráticos do que o contrário - e mais gritantemente nos últimos cinco (DIAMOND, 2020).

Logo, para garantir a restauração da democracia, a Hungria precisará contar com uma sociedade civil ativa e com uma mobilização da oposição para fornecer os controles ao poder irrestrito que tem sido colocado nas mãos de Orbán. O cenário, até agora, não parece promissor nesse sentido. Um dos motivos é que existe uma forte polarização da oposição no país, que faz com que seja extremamente difícil a formação de uma aliança para contrapor as medidas do Fidesz. Não obstante, o próprio aumento do atrito social e político e das medidas restritivas mostra que existe um movimento disposto a se contrapor à autocracia do Fidesz. Orbán pode estar concretizando o sonho iliberal, mas a reação do tecido social ainda está para ser vista.

REFERÊNCIAS

AGAMBEN, Giorgio. **Reflexões sobre a peste**. Boitempo, 2020.

BÁNKUTI, M; HALMAI, G.; SCHEPPELE, K. Hungary's Illiberal Turn: Disabling the Constitution. In: KRASZTEV, Peter; TIL, Jon Van (ed.). **The Hungarian Patient**. Budapest-New York: Ceu Press, 2015.

BIRÓ-NAGY, András. Illiberal Democracy in Hungary: The Social Background and Practical Steps of Building an Illiberal State. In: MORILLAS, Pol (ed.): **Illiberal democracies in the EU**. The Visegrad Group and the risk of disintegration. CIDOB: Barcelona, 2017.

BOZÓKI, András. Broken Democracy, Predatory State, and Nationalist Populism. In: KRASZTEV, Peter; TIL, Jon Van (ed.). **The Hungarian Patient**. Budapest–New York: Ceu Press, 2015.

DIAMOND, Larry. Democracy Versus the Pandemic: The Coronavirus Is Emboldening Autocrats the World Over. **Foreign Affairs**, 13 jun. 2020. Disponível em: <https://www.foreignaffairs.com/articles/world/2020-06-13/democracy-versus-pandemic>. Acesso em: 25 ago. 2020, 23:18.

FUKUYAMA, Francis. The Pandemic and the Political Order. **Foreign Affairs**, jul/ago 2020. Disponível em: <https://www.foreignaffairs.com/articles/world/2020-06-09/pandemic-and-political-order>. Acesso em: 28 ago. 2020, 19:57.

MORRIS, Loveday. Hungary's 'coronavirus bill' hands Orban unchecked power. **The Washington Post**, 30 mar. 2020. Disponível em: https://www.washingtonpost.com/world/hungarian-parliament-hands-orban-power-to-rule-unchecked/2020/03/30/cc5135f6-7293-11ea-ad9b-254ec99993bc_story.html. Acesso em: 28 ago. 2020, 20:04.